

## Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade de Brasília: registro histórico de uma trajetória

### Environmental Psychology Laboratory of the University of Brasilia: historical record of a trajectory

**Ingrid Luiza Neto**

<https://orcid.org/0000-0001-8177-8823>

Universidade Católica de Brasília

**Dayse da Silva Albuquerque**

<https://orcid.org/0000-0003-1745-8336>

Universidade Federal do Amazonas

**Zenith Nara Costa Delabrida**

<https://orcid.org/0000-0003-1878-6040>

Universidade Federal de Sergipe

Brasil

#### Resumo

Este texto visa a relatar a experiência de implantação e a consolidação do Laboratório de Psicologia Ambiental (LPA) na Universidade de Brasília (UnB) e sua inserção no contexto de atuação profissional e desenvolvimento científico da área. O objetivo é registrar aspectos que fazem parte da memória histórica do LPA-UnB, que assumiu um relevante papel na formação de várias gerações de psicólogos(as) ambientais no país. Para tanto, é utilizada a abordagem histórico-narrativa, ressaltando a trajetória dos professores fundadores e pesquisadores participantes do LPA-UnB. Estima-se que o presente relato poderá suscitar o interesse de (futuros/as) psicólogos/as pela área ambiental e por suas inúmeras possibilidades de atuação profissional na psicologia.

**Palavras-chave:** psicologia ambiental; relação pessoa-ambiente; laboratório de psicologia ambiental; registro histórico.

#### Abstract

This paper aims to report on the experience of implementing and consolidating the Laboratory of Environmental Psychology at the University of Brasília and its insertion into the context of professional performance and scientific development of the area. The objective is to record aspects that are part of the historical memory of the Laboratory, which assumed a relevant role in the education of several generations of environmental psychologists. Therefore, a historical-narrative approach is used, highlighting the trajectory of the founding professors and researchers involved in the Laboratory. It is estimated that this report may spark the interest of (future) psychologists in the environmental area and its possibilities for professional practice in psychology.



**Keywords:** environmental psychology; people-environment relationship; environmental psychology laboratory; historical record.

A psicologia ambiental, campo de estudo da psicologia, se dedica à investigação das inter-relações das pessoas com o ambiente físico (natural ou construído), levando em consideração seu contexto social. Investiga as percepções, as atitudes, as avaliações e as representações dos indivíduos sobre o ambiente, além dos comportamentos e condutas que estes indivíduos desempenham nos ambientes (Moser, 2018). Estuda, também, como esses ambientes são afetados pelos indivíduos em um contexto social, numa relação bidirecional (Günther & Rozestraten, 1993). Os registros históricos indicam que a psicologia ambiental se estruturou como campo de estudo mais fortemente na década de 1960, sobretudo no contexto pós-guerra europeu e estadunidense (Aragónés & Amérigo, 2010). A aceleração do êxodo rural e do crescimento das cidades fez com que inúmeros problemas sociais e ambientais emergissem, o que levantou questionamentos entre os arquitetos e os urbanistas sobre como lidar com estas novas demandas urbanas nesse período (Moser, 2018).

No contexto brasileiro, os primeiros registros sobre a utilização dos preceitos da psicologia ambiental remontam à década de 1970, com a realização de cursos e de traduções para a língua portuguesa de importantes trabalhos da área. Na década de 1980, a área começa a ser estudada, ainda de maneira embrionária e isoladamente por diferentes pesquisadores, de diferentes regiões do Brasil. A partir das décadas de 1990 e 2000, a área passa a se consolidar no país, com destaque para a criação do grupo de psicologia ambiental da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP (Günther et al., 2000).

Atualmente, inúmeros grupos de estudos e laboratórios destinados ao estudo da psicologia ambiental e das relações pessoa-ambiente estão presentes em todas as regiões do Brasil. Este crescimento indica a consolidação da área e a possibilidade de aplicabilidade em diversos ambientes e contextos socioculturais. Estes grupos apresentam uma importância histórica indiscutível, especialmente por terem disseminado os preceitos teóricos, práticos e metodológicos da psicologia ambiental para profissionais de diversos campos. Dentre esses vários espaços, neste texto, será apresentado o registro histórico da fundação do primeiro laboratório da área implantado no Brasil, o Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade de Brasília (LPA-UnB). O objetivo é relatar os principais aspectos que motivaram a criação do Laboratório e os elementos que impulsionaram sua consolidação, especialmente na formação de várias gerações de psicólogos(as) ambientais que atuam em diferentes áreas e regiões, nos dias atuais.

## Método

Para levantar os aspectos históricos da fundação e da consolidação do LPA-UnB, foram realizadas entrevistas narrativas com os dois fundadores e com seis alunos egressos do LPA-UnB. Também foram extraídas informações dos currículos Lattes dos fundadores e de alunos egressos, bem como de documentos que registram a história do LPA-UnB encontrados nas dependências do Laboratório, tais como publicações acadêmicas, notícias de jornal, atas de reuniões e fotografias. As percepções das autoras deste artigo também foram consideradas ao elaborar a narrativa histórica.

### Um breve registro histórico sobre os fundadores do LPA-UnB<sup>1</sup>

As informações presentes nessa seção foram coletadas por meio de entrevista narrativa com os professores fundadores do LPA-UnB, bem como pela análise do Currículo Lattes dos professores. Criado em 1988, pelo professor Hartmut Günther (Figura 1), o LPA-UnB passou também a contar, em 1997, com a colaboração formal da professora Isolda Günther (Figura 2).

**Figura 1**

*Prof. Hartmut Günther*



**Figura 2**

*Profa. Isolda Günther*



Fonte: Acervo pessoal dos fundadores do LPA-UnB

Nascido em 1945, o professor Hartmut Günther é alemão e estudou psicologia na Universidade de Hamburgo e na Universidade de Marburgo, ambas na Alemanha, mas formou-se bacharel em psicologia em 1968, no *Albion College*, em Michigan (Estados Unidos). Fez mestrado na *Western Michigan University* e doutorado na *University of California*, em Davis, onde conheceu o professor Robert Sommer, um dos precursores no campo da psicologia ambiental. Apesar de nunca ter sido aluno do professor Sommer, desenvolveu

<sup>1</sup> As autoras agradecem aos professores Hartmut e Isolda Günther pelos depoimentos apresentados nas entrevistas narrativas sobre o LPA-UnB. Agradecimentos também aos egressos do LPA-UnB Clara Cantal, Daniela Rosa, Fernanda Goulart, Hilma Khoury, Ludmila Cunha e Thaís Fragelli pelos relatos apresentados sobre as experiências vividas no laboratório.

uma relação de grande proximidade, participando de inúmeras discussões sobre ecologia, ambiente e qualidade de vida. A partir desta convivência, surge seu interesse pelas questões de estudo da psicologia ambiental e sobre a aplicação da psicologia a problemas reais, postura que caracteriza fundamentalmente a forma de atuação da área.

Seu envolvimento com o Brasil começou em 1975, quando veio trabalhar como professor visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por meio de uma bolsa de estudos ofertada pela *Latin American Teaching Fellowship*. Ainda sem falar português, lecionava em inglês para alunos da pós-graduação, ministrando disciplinas relacionadas à psicologia social e à metodologia científica. Em 1976, foi à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ministrar um curso para a pós-graduação e isso significou a consolidação de sua permanência no país, pois conheceu sua esposa, Isolda Günther e se transferiu como professor para aquela Universidade, no mesmo ano.

Nascida em 1945 em Campina Grande, a professora Isolda Günther formou-se em psicologia na Universidade Católica de Pernambuco em 1970, especializando-se em psicologia clínica e em metodologia de pesquisa. Em 1971, foi contratada pela Universidade Federal da Paraíba, onde lecionava disciplinas relacionadas ao desenvolvimento humano, educação e psicologia social. Finalizou seu mestrado em Psicologia Social pela UFPB em 1979, tendo estudado a temática das habilidades comunicativas em crianças e em 1983 concluiu o doutorado sobre a percepção de competência social e cognitiva de crianças e de famílias estrangeiras.

De 1979 a 1983 moraram em Michigan, onde Isolda Günther fez seu doutorado na *Michigan State University* e Hartmut Günther a acompanhou, como professor visitante. De 1984 a 1987, permaneceram na UFPB, mas buscaram novas alternativas de atuação, tendo sido transferidos para a UnB em 1988, ela como professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento e ele como professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Inicia-se, então, a história do LPA-UnB.

### **1988: onde e quando tudo começou**

Segundo relato dos professores fundadores do laboratório, antes da vinda para Brasília, o seu interesse pela psicologia ambiental não era tão explícito. No entanto, a transferência para Brasília em 1988 representou a possibilidade de desenvolver os estudos na área de psicologia ambiental em uma cidade projetada e construída para ser a capital do país.

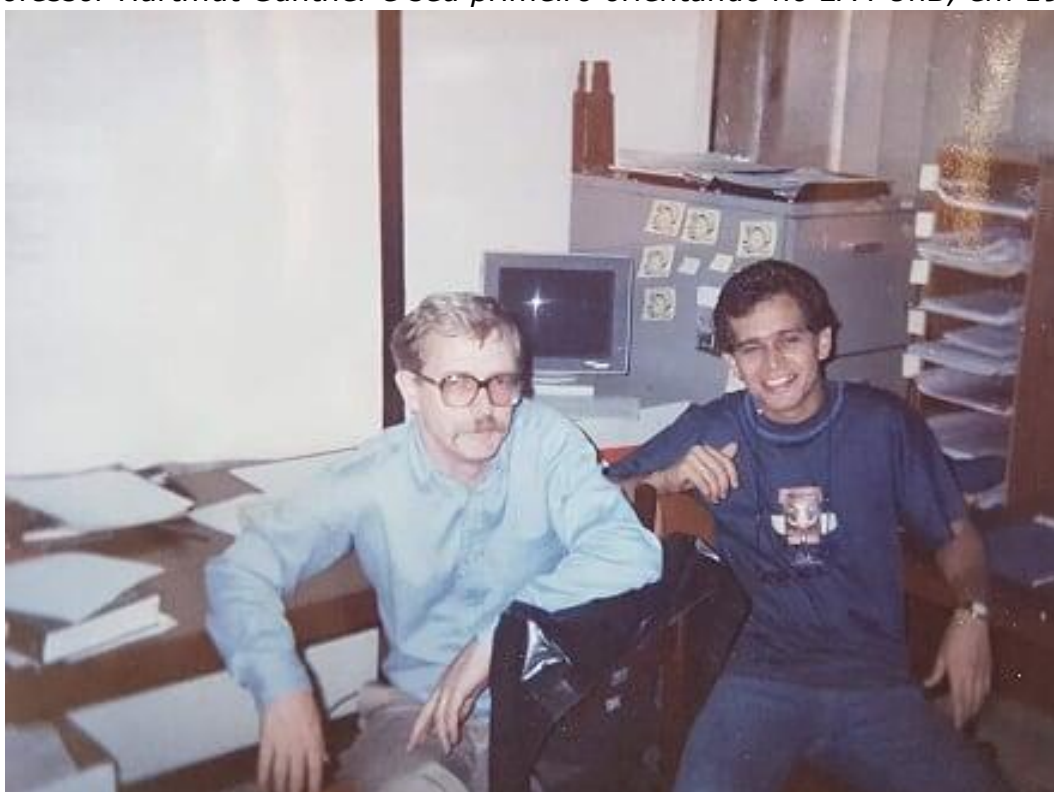
O Plano Piloto da cidade, especificamente, foi elaborado com a preocupação de controlar e organizar a ocupação urbana, de forma a disponibilizar à população uma infraestrutura de serviços e de equipamentos (Derntl, 2019). O

propósito era promover a descentralização urbana, de forma hierarquizada, por meio de unidades de vizinhança, cidades-satélites e cinturões verdes (Feldman, 2009).

O planejamento da cidade apoiou-se nos conceitos do desenho urbano racional, prestando especial atenção aos elementos habitação, trabalho, recreação e circulação (Bicca, 1985). No aspecto comportamental, Niemeyer (citado por Goerdeler, 1988) relatou que Brasília foi criada e planejada, entre outras expectativas, para ser um local em que as pessoas fossem felizes. Por outro lado, havia a fama de ser uma cidade pouco humanizada e acolhedora.

### **Figura 3**

*Professor Hartmut Günther e seu primeiro orientando no LPA-UnB, em 1991*



Fonte: Acervo pessoal dos fundadores do LPA-UnB

A designação LPA foi usada pela primeira vez em 1990, no Instituto de Psicologia da UnB, como endereço de uma pesquisa de avaliação das superquadras de Brasília, mas somente materializou-se como espaço físico em 1991 (Figura 3). Deslocou-se para o subsolo do Instituto Central de Ciências Sul – ICC Sul (também conhecido como Minhocão) no primeiro semestre de 1993 e (re)emergiu, para seu atual espaço, no mezanino, em dezembro de 1995. Ressalta-se que, embora a professora Isolda Günther tenha contribuído sobremaneira com as pesquisas realizadas no âmbito do LPA-UnB nestes primeiros anos de funcionamento, foi apenas em 1997 que ela formalmente se

associou ao Laboratório. Neste mesmo ano, realizou pós-doutorado no *Children Environments Research Group*, da *City University of New York*, o que consolidou seu interesse em articular a psicologia ambiental ao campo do desenvolvimento humano.

Segundo os fundadores do LPA-UnB, a experiência de viver (n)a cidade de Brasília representava, portanto, um rico laboratório, no qual a aplicação da psicologia ambiental parecia promissora, passando a ser o objeto paradigmático dos estudos da relação pessoa-ambiente. Funda-se, então, o LPA-UnB, vinculado ao Instituto de Psicologia, mais especificamente ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Neste mesmo período, o professor Hartmut Günther também se engajou em pesquisas desenvolvidas pelo professor Robert Sommer nos Estados Unidos, sobre aceitação a diversos tipos de árvores em projetos de reflorestamento urbano (Sommer et al., 1989; 1990; 1992a; 1992b, 1993). Essas pesquisas ajudaram a fortalecer o seu interesse e a consolidar sua produção na área de psicologia ambiental.

### **Os primeiros estudos desenvolvidos no LPA-UnB**

Durante a entrevista narrativa, o professor Hartmut Günther mencionou que, como "forasteiro", identificou que os residentes de Brasília pareciam gostar da cidade e decidiu investigar como os moradores percebiam a cidade. Iniciou-se, assim, o primeiro estudo desenvolvido no LPA, aproveitando-se do fato de que o *layout* das residências, por ser racional, i.e., dividido hierarquicamente por superquadras, blocos e apartamentos, possibilitaria a seleção aleatória dos endereços. Foi conduzido um *survey* pelo correio, com questões referentes à qualidade de vida na cidade, percepção sobre condições de habitação, lazer e circulação. As cartas eram enviadas aos moradores, contendo um envelope e um selo para que o participante pudesse enviar o questionário respondido para a caixa postal do Laboratório.

Surpreendentemente, foi obtida uma taxa de resposta de 23%, maior que a taxa indicada pela literatura, que gira em torno de 10% (Sinclair et al., 2012). Os resultados do estudo revelaram que os participantes gostavam da cidade, especialmente aqueles que viviam na parte mais urbanizada (Günther & Flores, 1995).

O professor Günther considera que este primeiro estudo foi importante para a consolidação do LPA, pois chamou a atenção de estudantes de diferentes áreas da universidade, incluindo psicologia, arquitetura e urbanismo, que demonstraram interesse em investigar as questões comportamentais observadas na cidade de Brasília, tão atípica e diferente das demais cidades brasileiras. Além disso, foi o primeiro projeto desenvolvido no Laboratório a receber auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, o que

contribuiu para a montagem da infraestrutura do Laboratório e para o desenvolvimento de estudos subsequentes.

### **Um destaque especial: A estrutura física do LPA-UnB**

A relação pessoa-ambiente pode ser explicitada de várias maneiras. Em um laboratório que busca estudar essa relação, parece evidente que a estrutura física desempenhe um papel importante nas ações desenvolvidas. Nesse sentido, o LPA-UnB sempre foi inovador ao ter uma estrutura física que acomodasse as atividades realizadas, trazer conforto e ser funcional. Sendo assim, a infraestrutura do LPA-UnB é um aspecto que merece ser destacado, pois é um atrativo para os estudantes e os pesquisadores, seja pela disponibilização de equipamentos tecnológicos modernos, seja pela disposição de mobiliários.

Segundo relato do professor fundador, em seus primeiros anos de funcionamento, o LPA-UnB era conhecido por ser um dos únicos laboratórios do Instituto de Psicologia a possuir uma impressora e um computador acessível aos estudantes. Já na entrevista realizada com os egressos do LPA-UnB, a disposição dos móveis foi ressaltada, por estimular a convivência e a integração. As mesas dispostas ao centro do laboratório, para realização de reuniões e de confraternizações, estimulam o contato visual e a proximidade entre as pessoas. Por outro lado, a privacidade e o espaço pessoal eram preservados, pois a cada estudante era atribuída uma estação de trabalho, carinhosamente chamadas de "bacias", que eram frequentemente ornamentadas de acordo com as preferências do estudante. Mais recentemente, em 2019, o LPA-UnB passou por uma reforma, coordenada por uma estudante de mestrado do curso de arquitetura, em que as bacias foram substituídas por bancadas de uso compartilhado.

### **Psicologia ambiental como linha de pesquisa**

Em 1991, o Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da UnB inseriu a linha de pesquisa intitulada Psicologia Ambiental em seu programa, o que possibilitou a oferta da disciplina com a mesma nomenclatura no curso de graduação em psicologia. Trata-se de um marco histórico importante, pois a oferta da disciplina na graduação atrai estudantes dos mais variados cursos e estimula o desenvolvimento de projetos de pesquisa na área. No mesmo ano, a linha de pesquisa passa também a ser ofertada na pós-graduação, atraindo estudantes em nível de mestrado e de doutorado.

Com a finalidade de disponibilizar materiais de apoio aos estudantes da disciplina, foi desenvolvida em 1992 a série 'Textos do Laboratório de Psicologia Ambiental'. A série era inicialmente composta por textos produzidos pelos próprios professores do Laboratório ou traduções de artigos clássicos da área.

Mas, com a oferta constante da disciplina, passou a contar com textos produzidos ou traduzidos pelos estudantes do Laboratório ou da disciplina, estimulando a produção acadêmica da área e promovendo autonomia aos estudantes.

Também foram publicados artigos (Günther, 2005a; 2008a; 2009; Günther & Pinheiro, 2008; Günther & Rozestraten, 1993) e capítulos/livros, que versam sobre a psicologia ambiental em termos conceituais, metodológicos e práticos (Barreto & Günther, 2003; Günther, 2005b; 2008b; 2011a; 2011b; 2018; Günther et al., 2004; 2008; 2011; Günther & Günther, 1998a; Günther & Fragelli, 2011; Pimentel et al., 2015; Pinheiro & Günther, 2008). Um acervo com inúmeras publicações na área de psicologia ambiental pode ser visualizado no site do LPA (<https://psiambiental.wordpress.com>).

### **Produção científica**

A análise dos currículos Lattes dos professores do LPA-UnB permite identificar que, à medida em que as atividades do LPA-UnB foram se consolidando, inúmeras produções científicas foram publicadas, abrangendo majoritariamente as seguintes perspectivas: 1) ambientes urbanos; 2) desenvolvimento humano, e 3) perspectiva ecológica. A Figura 4, elaborada por Luísa Günther, filha dos professores Hartmut e Isolda Günther, representa estas três perspectivas de trabalho do LPA: o ambiente urbano é representado pelos ícones no canto inferior da imagem, a perspectiva ecológica pelo desenho da árvore, dos pássaros e das flores, e a perspectiva do desenvolvimento humano é representada pela presença de pessoas em contato frequente com a natureza, demonstrando a reciprocidade dessa relação ao longo do processo de desenvolvimento.

#### **1. Ambientes urbanos**

Se, por um lado, o ambiente urbano propicia uma série de atratividades, possibilitando experiências culturais, educativas e de lazer únicas, por outro apresenta problemas que afetam diariamente a vida das pessoas, como criminalidade, poluição, dificuldade de mobilidade e aglomeração (Moser, 2018). Neste contexto, o fato de a cidade trazer em si o potencial de ser objeto de estudo para a psicologia ambiental, estimulou o desenvolvimento de pesquisas no LPA, relacionadas a:

- Ambientes para idosos (Cupertino, 1996);
- Ambientes restauradores (Gressler & Günther, 2013; Reifschneider, 2016);

- Aspectos sociais e ambientais no contexto do trabalho (Amaral & Günther, 2002; Fragelli & Günther, 2008; 2012; 2020; Puente-Palacios, 1993; Seixas, 1993);
- Barulho ambiental (Gouveia & Günther, 1996; Günther et al., 2007; Solorzano, 1991);
- Comportamento em banheiros públicos (Delabrida, 2010);
- Comportamento em filas de espera (Iglesias & Günther, 2007; 2009);
- Comportamento pró social (Coelho et al., 2010; Pimentel & Günther, 2009; Pimentel et al., 2017; Silva & Günther, 1999; 2001; Silva et al., 1998);
- Criminalidade e comportamento agressivo (Pimentel & Günther, 2011; Pimentel et al., 2012);
- Senso de comunidade, habitação e ambientes residenciais (Albuquerque & Günther, 2019; Günther, 1991; Günther & Flores, 1994).

#### **Figura 4**

*Símbolo do LPA*



Fonte: Acervo pessoal dos fundadores

Uma temática urbana amplamente investigada pelos professores e seus orientandos é a que se refere ao trânsito e à mobilidade urbana. Como menciona Moser (2018), as cidades constroem os seus habitantes ao exigirem que realizem deslocamentos diários por vias e transportes que representam uma

forte fonte de estresse. Neste âmbito, inúmeras pesquisas têm sido desenvolvidas na área de trânsito e mobilidade, envolvendo as seguintes temáticas:

- Comportamento de ciclistas (Delabrida & Günther, 2015; Jones et al., 2019; Matsunaga et al., 2024; Vêncio, 1993a; 1993b);
- Comportamento de pedestres (Neto et al., 2020; Nunes, 1991);
- Comportamento de motoristas (Cunha & Günther, 2015; Feitosa & Günther, 2015; Monteiro & Günther, 2006; Neto & Günther, 2015; Neto et al., 2012; 2013; Silva & Günther, 2015; 2016);
- Comportamento de usuários do transporte público (Damião, 2011; Neto, 2014; Silva & Günther, 2004; 2005);
- Relação entre a psicologia do trânsito e a psicologia ambiental (Cavalcante et al., 2018; Günther, 2003; 2004; Günther & Neto, 2015; Neto et al., 2019; Silva & Günther, 2010).

## **2. Desenvolvimento humano**

Com base na formação em psicologia do desenvolvimento da professora Isolda Günther, foram conduzidas várias pesquisas relacionando a psicologia ambiental e aspectos do desenvolvimento humano. Construiu-se uma perspectiva transversal ao longo dos períodos do ciclo de vida, abarcando temáticas relativas a:

- Crianças (Günther, 1988; 1992; Günther et al., 1989; Mey & Günther, 2015);
- Adolescentes (Cantal, 2011; Günther, 1993; 1996; 2001; Günther & Günther, 1998b; Günther et al., 2004; Santos, 2008);
- Idosos (Albuquerque et al., 2010; 2018; Capone, 2001; Khoury & Günther, 2008; 2009; 2013; Lima et al., 2011; Macedo et al., 2008; Murta et al., 2014; Raposo & Günther, 2008; Santos, 2016; Silva & Günther, 2000).

## **3. Perspectiva ecológica**

Esta temática inclui uma perspectiva teórica sobre sustentabilidade, preocupação ecológica, política ambiental, questões de poluição ambiental, bem como a relação das pessoas com a natureza e com os recursos naturais (Moser, 2005). Essa vertente é desenvolvida a partir do engajamento nos problemas enfrentados na comunidade, no *campus* universitário da UnB e na cidade, incluindo atividades de extensão universitária. A análise de documentos

históricos presentes no LPA-UnB permitiu a identificação de algumas ações realizadas adotando a perspectiva ecológica, a saber:

- Participação no concurso público realizado em 2008 para apresentar propostas para a revitalização de uma avenida em Brasília (a avenida W3). Esta avenida, no início da história da cidade, constituía o principal comércio para moradores, mas, com o advento dos *shopping centers* e a mudança nos padrões de tráfego, se deteriorou e passou a ser pouco utilizada pela comunidade. Usando a abordagem ecológica da psicologia ambiental, a equipe do LPA-UnB entrevistou diferentes grupos de usuários, como lojistas, balconistas, compradores, crianças, estudantes, residentes de todas as idades, e propôs a oferta de atividades culturais na avenida. A proposta, que foi a vencedora do concurso, idealizou a oferta de oportunidades e de incentivos para o uso compartilhado do ambiente, visando ampliar a qualidade de vida e a sustentabilidade da avenida;
- Desenvolvimento do projeto UnB Verde, em que foi feito um levantamento entre professores, funcionários e alunos da universidade sobre aspectos físicos e sociais presentes no *campus*, bem como o estado de conservação das salas de aula da universidade. Também foram realizados estudos sobre as condições de espaços como restaurantes e lanchonetes, bem como uma campanha para economia de água e de luz e incentivo ao cuidado ambiental no *campus*;
- Intervenção com moradores da residência comunitária voltada para estudantes e professores da UnB, em que foram instaladas lixeiras e plantadas árvores, tornando o ambiente mais arborizado e agradável;
- Aplicação de questionário a moradores de uma região próxima à UnB, em que se identificou o interesse pela construção de um parque urbano na vizinhança. Na oportunidade, os moradores opuseram-se à construção de edifícios, realizando passeatas e reuniões comunitárias, o que foi fundamental para a decisão do governo local pela construção do Parque Olhos D'Água, inaugurado em 1994 (IBRAM, 2020);
- Intervenção com a comunidade universitária no trajeto universidade – paradas de ônibus, para tornar o espaço mais seguro e menos hostil, sobretudo para as mulheres. Como era comum a ocorrência de episódios de importunação sexual no trajeto, sugeriu-se a realização de poda de vegetação, de instalação de equipamentos de iluminação e de um ponto de encontro em que os pedestres pudessem aguardar a chegada de outras pessoas e realizar juntos o trajeto, dificultando a ação de criminosos.

Além disso, também foram desenvolvidos estudos sobre arborização urbana (Alves, 1997; Goulart, 2018), atitudes e comportamentos ambientais em

instituições públicas federais (Caixeta, 2010), transformação de áreas verdes (Cunha, 2010), voluntariado ambiental (Moniz & Günther, 2011), descarte inadequado de resíduos sólidos (Sousa, 2011) e racionamento de água (Klavdianos & Günther, 2019). Sobre este último tema, especificamente, em um esforço conjunto dos integrantes do LPA-UnB, de diferentes áreas de formação, foi desenvolvido um trabalho sobre o uso racional da água, que foi premiado pela Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (Moniz et al., 2011).

Mais recentemente, a relação entre pessoa e ambiente durante a pandemia foi objeto de estudo. As adaptações realizadas no ambiente doméstico para que o *home office* fosse possível foram pesquisadas por meio de questionários e de fotos encaminhadas pelos participantes, buscando compreender de que forma o ambiente influencia a qualidade de vida no trabalho (Rangel, 2024).

Cabe enfatizar que esta seção não tem a intenção de ser exaustiva, uma vez que os fundadores e os membros do LPA-UnB podem ter produzido outros trabalhos que não foram aqui apresentados. Contudo, trata-se de uma tentativa de sistematizar as grandes áreas investigadas pela equipe de pesquisadores.

### **Formação de profissionais da psicologia ambiental**

A análise do Currículo Lattes dos professores fundadores do LPA-UnB indicou que, até o momento, foram formados 16 doutores, 33 mestres e 58 estudantes de iniciação científica. Esses egressos advêm de distintas áreas de formação, como, por exemplo, psicologia, arquitetura, geografia, biologia, administração, dentre outras. Os estados em que os mestres e doutores egressos do LPA-UnB atuam no momento podem ser visualizados na Figura 5<sup>2</sup>.

A Figura 5 indica que, embora a maioria dos egressos atue no Distrito Federal (n=25), onde fica a sede do LPA-UnB, o laboratório atrai pesquisadores de vários estados, interessados nas temáticas relativas à psicologia ambiental, demonstrando o reconhecimento de suas contribuições para o contexto brasileiro. Por meio da análise do Currículo Lattes dos estudantes egressos e pelo relato dos fundadores do LPA-UnB, identificou-se que no momento há também egressos atuando nos Estados Unidos, Itália, Nicarágua e Nova Zelândia. Este cenário reflete o incentivo à internacionalização promovido pelos professores Hartmut e Isolda, que permanecem acompanhando os orientados à distância e

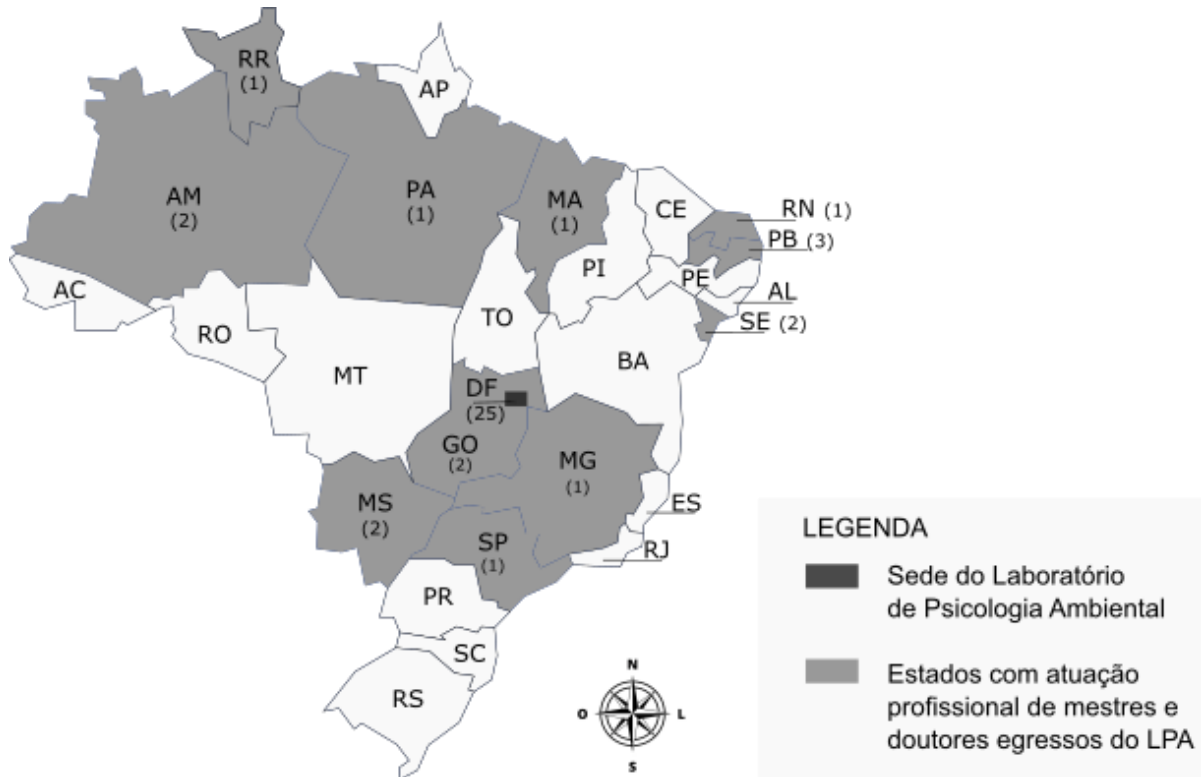
---

<sup>2</sup> Do total de 49 estudantes de mestrado e de doutorado, são representados no mapa 42 egressos, pois 4 encontram-se atualmente no exterior e 2 são falecidos (nossa homenagem a Abelardo Vinagre da Silva e a Júlio César Seixas, que contribuíram para o desenvolvimento das pesquisas do LPA-UnB nas décadas de 1990 e 2000, *in memoriam*). Ressalta-se que, embora apenas uma egressa atue no estado de SE, foram inseridos 2 egressos neste estado, pois esta estudante realizou o mestrado e o doutorado no LPA-UnB.

possibilitando a ampliação dos espaços de diálogo e de disseminação de conhecimentos na área.

### Figura 5

*Estados de atuação profissional de mestres e doutores egressos do LPA-UnB*



Fonte: elaborado pelas autoras.

Ressalta-se que as áreas em que os egressos do LPA-UnB atuam abarcam majoritariamente a docência e a pesquisa no ensino superior, bem em atividades de extensão, que é o tripé das atividades do ensino superior no Brasil: ensino-pesquisa-extensão. Há também profissionais atuando com educação ambiental em instituições de educação básica, trabalhando temáticas da educação ambiental, nas suas diferentes vertentes. Outros trabalham em órgãos governamentais, no Brasil e no exterior, contribuindo na compreensão da relação bidirecional entre pessoa e ambiente. Outros ainda estão na iniciativa privada desenvolvendo formação profissional na interface entre a educação e a psicologia.

A atuação profissional dos egressos ocorre de maneira multidisciplinar, em parceria com profissionais de diversas áreas e com diferentes universidades brasileiras e estrangeiras, bem como de órgãos governamentais, não governamentais e membros da sociedade civil organizada (e.g., Ministério da Justiça, Ministério Público, Secretaria de Educação, Secretaria de Saúde,

Departamento de Trânsito, dentre outros). Vale destacar ainda que esses profissionais atuam também com as interfaces da própria psicologia, relacionando a psicologia ambiental à psicologia do desenvolvimento, à psicologia clínica, à psicologia da educação, à psicologia organizacional, dentre outras.

Por fim, ressalta-se a participação dos egressos do LPA-UnB, em parceria com pesquisadores de outros laboratórios e grupos de pesquisa de psicologia ambiental do Brasil, na construção da Associação Brasileira das Relações Pessoa-Ambiente (ARPEA), em 2018. Trata-se de uma associação com propósitos científicos e educacionais, que visa apoiar a produção e a divulgação do conhecimento científico e tecnológico, bem como a formação na área da psicologia ambiental e dos estudos das relações pessoa-ambiente, contribuindo para o aprimoramento da prática profissional da área.

### **Avaliação do caminho percorrido e perspectivas futuras**

Neste relato, buscamos evidenciar os aspectos históricos da construção e da consolidação do LPA-UnB, por meio da apresentação das contribuições trazidas à psicologia ambiental brasileira. Nestes mais de 30 anos de funcionamento, o laboratório não apenas formou profissionais qualificados que atuam em diferentes locais do Brasil e do exterior, como foi responsável pela produção de material acadêmico e de publicações relevantes, bem como pela realização de intervenções com a comunidade local.

Alguns desafios foram encontrados no decorrer da história do LPA-UnB. O primeiro deles diz respeito à própria consolidação da psicologia ambiental dentro e fora da psicologia. Entre os profissionais da psicologia, tradicionalmente há um foco no entendimento da subjetividade e do comportamento humano a partir de uma visão prioritariamente mentalista, cognitivista ou intimista, dando pouco foco para fatores explicativos contextuais ou ambientais. A psicologia ambiental baseia sua proposta na análise de como os fatores externos influenciam a experiência subjetiva e o comportamento humano, considerando que a constituição individual e coletiva dos seres humanos também impacta o contexto que os cerca. A proposta de pensar em um Laboratório que enfatiza temáticas que não se alinham à forma de se entender a psicologia vigente foi disruptiva, o que torna bastante desafiador trabalhar nessa área. Durante entrevista com o professor Günther, foi mencionado que havia uma certa incompreensão da comunidade acadêmica sobre as temáticas da psicologia ambiental, de forma que o LPA-UnB era visto como "coisa de gringo". Consequentemente, um número reduzido de disciplinas da psicologia ambiental era ofertado aos estudantes, geralmente dispostas como disciplinas opcionais na matriz curricular do curso de graduação em psicologia. Assim, os fundadores encontraram certa dificuldade para atrair estudantes para um campo considerado um tanto quanto marginal.

Em contrapartida, a receptividade aos estudos e às temáticas de interesse da psicologia ambiental pelas áreas externas à psicologia tendia a ser elevada, principalmente por aquelas áreas em que o comportamento humano tem um papel importante. Por exemplo, arquitetos e engenheiros têm um interesse especial pela forma que as pessoas se comportam nos locais que projetam, assim como a biologia busca compreender o que faz com que as pessoas ajam (ou não) em prol do meio ambiente. Portanto, algumas áreas de conhecimento tenderam a se aproximar do LPA-UnB, como forma de obterem recursos para lidar com o comportamento e a subjetividade humana.

Esse processo de aplicação e de produção de conhecimento de forma multidisciplinar foi, ao mesmo tempo, interessante e desafiador na consolidação do LPA-UnB. Interessante porque propiciou a interrelação entre diversas áreas do saber, cada uma trazendo contribuições inerentes ao seu campo de estudo, o que possibilitou a compreensão mais ampla dos fenômenos investigados pelos pesquisadores. O LPA-UnB tornou-se um espaço de interlocução, promovendo estudos que promoviam reflexão coletiva, com argumentos que poderiam embasar as demandas práticas e teóricas da área. Por outro lado, planejar e organizar o trabalho, de forma a atender às demandas coletivas pode ser desafiador. Foi necessário romper com a lógica de que há temáticas, saberes, métodos e *modus operandi* que são exclusivos de cada área, incluindo uma visão mais holística e integrativa na produção do conhecimento.

Para além dos desafios, os relatos dos egressos ressaltam que o LPA-UnB propicia uma convivência intensa com colegas pesquisadores, marcada pelo acolhimento, empatia e horizontalização das relações. Há um sentimento de valorização percebido e de incentivo à autonomia, com o suporte necessário para a realização das atividades. De fato, uma característica marcante do LPA-UnB é o cuidado mútuo estabelecido entre professores e estudantes, configurando-se como um ambiente de muito afeto e companheirismo.

Para além de formar pesquisadores, o contexto do LPA-UnB é favorável para o desenvolvimento de habilidades e competências sociais, tão relevantes nos dias atuais. Estar em contato com profissionais de distintas áreas colabora para uma formação interdisciplinar, o que possibilita o diálogo e a troca de experiências com uma atuação profissional mais robusta. A relação constante entre estudantes da graduação e da pós-graduação, que é uma característica marcante do LPA-UnB, favorece a compreensão mútua e a cooperação entre colegas, tendo impacto na qualidade do conhecimento científico produzido.

No que se refere às perspectivas de futuro, o cenário da pandemia de COVID-19 trouxe muitas reflexões para os pesquisadores do LPA-UnB. A eclosão da pandemia evidenciou a importância de se atentar para a relação recíproca que se estabelece entre a pessoa e o ambiente. Há indicações de que o vírus surgiu em um mercado de animais (World Health Organization, 2020), o que demonstra

como as ações das pessoas na natureza podem causar problemas globais. Ressalta-se, portanto, a importância de considerar a relação recíproca entre as pessoas e os ambientes no qual os comportamentos humanos ocorrem, inserindo os seres humanos em um contexto ecológico que inclui a fauna, a flora e os característicos habitats humanos.

No contexto de pandemia, os professores Hartmut e Isolda Günther ressaltam que os momentos de interação no LPA-UnB ficaram comprometidos, em decorrência do distanciamento social. As trocas entre estudantes e professores, que antes ocorriam de modo presencial, passaram a ocorrer no ambiente virtual, mediadas pela tecnologia, o que alterou a forma nas quais as pessoas se relacionam entre si e também com o ambiente que as circunda. Toda a estrutura física do LPA-UnB pensada na relação pessoa-ambiente teve que ser virtualizada para interfaces ainda em processo de desenvolvimento para dar conta das necessidades de comunicação em momento de isolamento social.

Assim, apontam para a necessidade de os pesquisadores da psicologia ambiental considerarem a expansão do ambiente virtual o que exige a ampliação do foco de atuação, que tradicionalmente tem sido mais centrado nos ambientes físicos. Será necessário, para eles, pensar em uma "psicologia ambiental virtual" (Stokols, 2018), investigando os impactos da falta de contato presencial na forma de sentir e de experienciar as relações interpessoais e os ambientes.

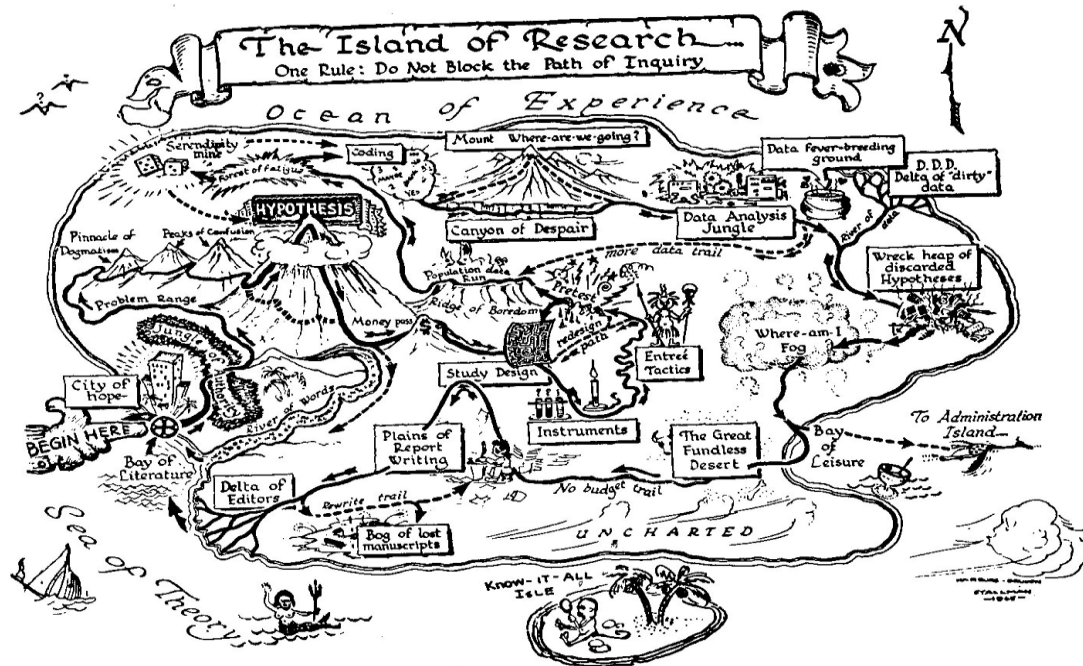
O LPA-UnB, portanto, dará continuidade aos estudos da relação pessoa-ambiente, identificando a possibilidade de uma ramificação da área, que abre espaço para a interação com outras áreas de conhecimento, como o *design* e a tecnologia da informação, por exemplo. Considera-se, ainda, perspectivas de mudança nos ambientes de pesquisa e no próprio modo de ser pesquisador nesse campo, resultando em modificações de cunho metodológico e teórico. A utilização de métodos de pesquisa virtuais trará à tona questionamentos sobre sua validade e fidedignidade, contribuindo para o aprimoramento das teorias em vigor ou o surgimento de novas propostas teóricas.

Outro tema de interesse dos atuais pesquisadores do LPA-UnB são os ambientes inclusivos para pessoas neurodivergentes. Ao planejar e projetar diversos tipos de ambientes, é importante considerar quais variáveis ambientais podem estar associadas à percepção de maior conforto ambiental ou à formação de "gatilhos" emocionais para pessoas neuroatípicas.

Por fim, ressalta-se que o caminho das investigações científicas, representado pelo mapa da ilha da pesquisa (Figura 6), continuará a ser trilhado no LPA-UnB, sempre se adequando às novas demandas sociais e ambientais impostas. O legado do LPA-UnB para a psicologia ambiental brasileira é indiscutível e certamente renderá novos frutos nas próximas décadas, espalhando o que foi aprendido em diferentes estados e regiões do Brasil.

**Figura 6**

Mapa da ilha da pesquisa, disposto na porta do LPA-UnB (Agnew & Pyke, 1982).

**Referências**

- Agnew, N. M., & Pyke, S. W. (1982). *Science game: Introduction to research in the behavioral sciences*. Prentice-Hall.
- Albuquerque, D. S., Silva, M. G., & Günther, H. (2010). O que é psicologia ambiental? Em O. T. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia social: Temas e teorias* (pp. 517-560). Technopolitik.
- Albuquerque, D. S., Amâncio, D. A. R., Günther, I. A., & Higuchi, M. I. G. (2018). Contribuições teóricas sobre o envelhecimento na perspectiva dos estudos pessoa-ambiente. *Psicologia-Universidade de SP-USP (Impresso)*, 29, 442-450. <https://doi.org/10.1590/0103-656420180142>
- Albuquerque, D. S., & Günther, I. A. (2019). Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. In M. I. G., Higuchi, A. Kuhnen, & C. Pato (Org.), *Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos* (pp. 15-32). Edições do Bosque.
- Alves, S. M. (1997). *Árvores de Brasília: um estudo exploratório sobre a preferência de forma* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Universidade de Brasília.
- Amaral, F. M. P. D. E., & Günther, I. A. (2002). Estresse ocupacional e indicadores de saúde em gerentes de um banco estatal. *Psicologia: organizações e trabalho*, 2(2), 65-84.

---

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572002000200004&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572002000200004&script=sci_abstract)

- Aragonés, J. I., & Américo, M. (2010). *Psicologia ambiental*. Madrid: Pirâmide.
- Barreto, F. F. P., & Günther, H. (2003). Psicologia ambiental no Distrito Federal: Uma agenda para pesquisa. In A. Paviani, & L. A. C. Gouvêa (Org.), *Brasília: Controvérsias Ambientais* (pp.125-156). Editora da UnB.
- Bicca, P. R. S. (1985). Brasília: mitos e realidades. In A. Paviani (Org.), *Brasília: Ideologia e realidade, Espaço urbano em questão* (pp.101-133). Projeto Editores.
- Caixeta, D. M. (2010). *Atitudes e comportamento ambientais: um estudo comparativo entre servidores de instituições públicas federais* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Cantal, C. B. R. (2011). *Preocupações de adolescentes sob a perspectiva de espaço de vida de Kurt Lewin* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Capone, V. C. (2001). *Satisfação de idosos em dois ambientes de vizinhança do DF* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Universidade de Brasília.
- Cavalcante, S., Mourão, A. R. T., & Günther, H. (2018). Perambular. In S. Cavalcante, & G. A. Elali. (Org.), *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp.167-176). Vozes.
- Coelho, N. L., Günther, H., Corrêa, A. O., Franco, C. T. P., Lopes, L. R. A., Neves, L. M. G. S., Paula, R. M., & Pastori, T. A. N. (2010). Ajuda versus cola: será que uma rosa é uma rosa é uma rosa?? *Psico (PUCRS. Impresso)*, 41, 246-251.  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/6241>
- Cunha, D. C. (2010). *Aspectos cognitivos na transformação de áreas verdes: a Floresta Amazônica em questão* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Cunha, L. F., & Günther, H. (2015). Impactos de elementos físicos do ambiente de trânsito sobre o comportamento de velocidade dos motoristas. In H., Günther, F. H. C., Silva, I. L., Neto, & Z. O., Feitosa (Org.), *Pesquisas sobre comportamento de trânsito* (pp. 271-295). Caso do Psicólogo - Pearson.

- Cupertino, A. P. (1996). *Avaliação pós-ocupação de instituições de idosos no Distrito Federal* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Universidade de Brasília.
- Damião, N. F. (2011). *Bom dia, Senhor Motorista: Priming conceitual e a civilidade no ônibus* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Delabrida, Z. N. C. (2010). *O cuidado consigo e o cuidado com o ambiente físico: um estudo sobre o uso do banheiro público* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Delabrida, Z. N. C., & Günther, H. (2015). Aspectos ambientais e psicológicos que influenciam no uso da bicicleta. In H., Günther, F. H. C., Silva, I. L., Neto, & Z. O., Feitosa (Org.), *Pesquisas sobre comportamento de trânsito* (pp.177-204). Casa do Psicólogo - Pearson.
- Derntl, M. F. (2019). O Plano Piloto e os planos regionais para Brasília entre fins da década de 1940 e início dos anos 60. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais*, 21(1), 26-44. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2019v21n1p26>
- Feitosa, Z., & Günther, H. (2015). O que a psicologia tem a dizer sobre o comportamento de desobediência à lei no estacionamento público? In H., Günther, F. H. C., Silva, I. L., Neto, & Z. O., Feitosa (Org.), *Pesquisas sobre comportamento de trânsito* (pp. 251-270). Casa do Psicólogo - Pearson.
- Feldman, S. (2009). *1950: A década de crença no planejamento regional no Brasil* [Apresentação de trabalho]. XIII Encontro Nacional da ANPUR, Florianópolis, SC, Brasil. <https://www.semanticscholar.org/paper/1950-%3A-a-d%C3%A9cada-de-cren%C3%A7a-no-planejamento-regional-Feldman/b7fb5af30e3259ee14e5a54a96b8dbea426bc3ef>
- Fragelli, T. B. O., & Günther, I. A. (2008). A promoção da saúde na perspectiva social ecológica. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde (Print)*, 21, 151-158. <https://www.redalyc.org/pdf/408/40811362011.pdf>
- Fragelli, T. B. O., & Günther, I. A. (2012). Abordagem ecológica para a avaliação do determinante de comportamento preventivo: proposta de inventário aplicado aos músicos. *Per Musi (UFMG)*, 25, 73-84. <https://www.scienceopen.com/document?vid=d202187d-4f96-4f03-92ed-151eed60f577>
- Fragelli, T. B. O., & Günther, I. A. (2020). Determinants of preventive behaviors for health promotion in Brazilian musicians. *Music and Medicine*, 12, 192-198. <https://doi.org/10.47513/mmd.v12i3.676>

- Goerdeler, C. D. (1988). Die verordnete Utopie [A utopia decretada]. *Geo-Special: Brasilien*, (1), 46-47.
- Goulart, F. M. (2018). *Contribuição da arborização urbana para a mobilidade ativa* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Transportes]. Universidade de Brasília.
- Gouveia, V. V., & Günther, H. (1996). Percepção de incômodo ao barulho ambiental: um modelo parcial e preliminar. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 13(2), 17-28. <https://www.researchgate.net/publication/279192634> Percepcao de inco modo ao barulho ambiental um modelo parcial e preliminar
- Gressler, S. C., Günther, I. A. (2013). Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, 18, 487-495. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300009>
- Günther, H. (1992). Interviewing street children In a Brazilian city. *Journal of Social Psychology*, 132(3), 359-367. <https://doi.org/10.1080/00224545.1992.9924711>
- Günther, H. (2003). Ambiente, trânsito e psicologia. In M. H. Hoffman, R. M. Cruz, & J. C. Alchieri (Org.), *Comportamento humano no trânsito* (pp.49-57). Casa do Psicólogo.
- Günther, H. (2004). Mobilidade e affordance como cerne dos estudos pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(2), 273-280. <https://www.scielo.br/j/epsic/a/DMctHQ75xjrvYxqXFnJKnk/?format=pdf&lang=pt>
- Günther, H. (2005a). A psicologia ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. *Psicologia USP*, 16(1), 179-183. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100019>
- Günther, H. (2005b). Reflexões sobre sustentabilidade da Psicologia Ambiental no Brasil. In E. T. O. Tassara, E. P. Rabinovich, & M. C. Guedes (Org.), *Psicologia e Ambiente* (pp.119-131). EDUC.
- Günther, H. (2009). The environmental psychology of research. *Journal of Environmental Psychology*, 29, 358-365. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.02.004>
- Günther, H., Brito, S. M., & Silva, M. S. (1989). Relação Entrevistador - Entrevistado: Um exemplo de técnica de entrevista com grupos marginalizados - meninos na rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 4(1), 12-23.
- Günther, H., Coelho, M. C. S. O., Rabinovich, E. P., Carneiro, C., Günther, I. A., Pinheiro, J. Q., Carvalho, M. I. C., Peluso, M. L., Bassani, M. A., Bindé, P. J., Rozestraten, R. J. A., Almeida, S. R., & Cavalcante, S. (2000, maio). *Psicologia ambiental: Sua definição como área de atuação na psicologia no*

- Brasil* [Apresentação de trabalho]. VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico, Serra Negra, SP, Brasil. <https://www.anpepp.org.br/acervo/Simpos/An08T21.pdf>
- Günther, H., Elali, G., & Pinheiro, J. Q. (2011). Multimétodos. In S. Cavalcante, & G. A. Elali (Org.), *Temas básicos em psicologia ambiental* (pp. 239-249). Vozes.
- Günther, H., & Flores, E. (1995). Sense of neighborhood and model quadras. *Triolog*, 12 (1), 40-45.
- Günther, H., & Flores, E. C. (1994). *Dicionário de termos de psicologia ambiental*. Editora UnB.
- Günther, H., Iglesias, F., & Sousa, J. M. (2007). Note on the development of a Brazilian version of a noise annoyance scale. *Journal of Sound and Vibration*, 308, 343-347. <https://doi.org/10.1016/j.jsv.2007.06.072>
- Günther, H., & Neto, I. L. (2015). Comportamento no trânsito: uma perspectiva da psicologia ambiental. In H., Günther, F. H. C., Silva, I.L., Neto, & Z. O. Feitosa (Org.), *Pesquisas sobre comportamento de trânsito* (pp. 29-50). Casa do Psicólogo - Pearson.
- Günther, H., & Pinheiro, J. Q. (2008). Academic environmental psychology in Brazil. *Bulletin of People-Environment Studies*, 34, 4-7.
- Günther, H., Pinheiro, J. Q., Elali, G. (2008). A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In J. Q. Pinheiro, & H. Günther (Org.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa - ambiente* (pp. 369-396). Casa do Psicólogo.
- Günther, H., & Rozestraten, R. J. A. (1993). Psicologia Ambiental: Algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, 107-122. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17228>
- Günther, I. A. (1988). Cuidados alternativos em crianças e seus efeitos no desenvolvimento sócio-emocional. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 5(1), 74-92. <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7801>
- Günther, I. A. (1993). As necessidades emocionais do adolescente e a escola. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 1, 45-57. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100007)
- Günther, I. A. (1996). Preocupações de adolescentes ou os jovens têm na cabeça mais do que bonés. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12, 61-69. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17266>
- Günther, I. A. (2001). Adolescentes em ambientes urbanos. Texto Didático (Organizado). *Série Psicologia*, 2, 17-27.

- Günther, I. A. (2008a). Pessoa e ambiente: as duas faces da mesma moeda. *Paidéia*, 18, 21-23. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100003>
- Günther, I. A. (2008b). O uso da entrevista na interação pessoa-ambiente. In J. Q. Pinheiro & H. Günther (Org.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp.53-74). Casa do Psicólogo.
- Günther, I. A. (2011a). Resenha do livro qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar. *Psicologia, Ciência e Profissão - Diálogos*, 7, 52-53.
- Günther, I. A. (2011b). Pressão ambiental (Environmental press). In S. Cavalcante, G. A. Elali (Org.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp.290-295). Vozes.
- Günther, I. A. (2018). Docilidade ambiental. In S. Cavalcante, & G. A. Elali (Org.), *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp.47-58). Vozes.
- Günther, I. A., & Fragelli, T. B. O. (2011). Estresse ambiental. In S. Cavalcante, & G. A. Elali (Org.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp.191-197). Vozes.
- Günther, I. A., & Günther, H. (1998a). What environment? Which relationship? In D. Görlitz, H. J. Harloff, G. Mey, & J. Valsiner. (Org.). *Children, cities, and psychological theories: Developing relationships* (pp. 237-250). Walter de Gruyter.
- Günther, I. A., & Günther, H. (1998b). Brasília pobres e Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 191-207. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200003>
- Günther, I. A., Nepomuceno, G. M., Spehar, M. C., & Günther, H. (2004). Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(2), 299-308. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200012>
- IBRAM (2020). Você conhece a história do Parque Ecológico Olhos D'Água? retirado de: <https://www.ibram.df.gov.br/voce-conhece-a-historia-do-parque-ecologico-olhos-dagua/>
- Iglesias, F., & Günther, H. (2007). Normas, justiça, atribuição e poder: uma revisão e agenda de pesquisa sobre filas de espera. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12, 3-11. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100001>
- Iglesias, F., & Günther, H. (2009). A espera na vida urbana: uma análise psicossocial das filas. *Psicologia em Estudo*, 14, 537-545. <https://www.scielo.br/j/pe/a/v7HWn3ZwFQVQDgxFnFvKF6P/abstract/?lang=pt>

- Jones, T., Günther, H., Brownill, S., Keivani, R., d'Orsi, E., Spencer, B., Neto, I. L., Vargas, J. C. B., & Watson, G. (2019). *Brasil/Reino Unido Mobilidade Urbana Saudável: Resumo dos principais resultados e recomendações*. <https://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/brasil-e-reino-unido---mobilidade-urbana-saudavel.pdf>
- Klavdianos, N. D., & Günther, I.A. (2019). Apego ao lugar e ao comportamento pró-ambiental: O racionamento de água em questão. *Revista Saúde e Pesquisa*, 12, 471-482. <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2019v12n3p471-482>
- Khoury, H. T. T., & Günther, I. A. (2008). Ambiente de moradia e controle primário em idosos. *Paidéia (USP. Ribeirão Preto. Impresso)*, 18, 53-60. <https://www.scielo.br/j/paideia/a/Yq9QgHnTfzsMwKVKHVP55bw/?format=pdf&lang=pt>
- Khoury, H. T. T., & Günther, I. A. (2009). Processos de auto-regulação no curso de vida: controle primário e controle secundário. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22, 95-110. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100019>
- Khoury, H. T. T., Günther, I. A. (2013). Desenvolvimento de uma medida de controle primário e secundário para idosos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB. Impresso)*, 29, 277-285. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000300005>
- Lima, P. M. R., Coelho, V. L. D., & Günther, I. A. (2011). Envolvimento vital: um desafio da velhice. *Geriatrics & Gerontologia*, 5, 261-268. <https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v5n4a13.pdf>
- Macedo, D., Oliveira, C. V. D. E, Günther, I. A., Alves, S. M., & Nóbrega, T. S. (2008). O Lugar do afeto, o afeto pelo lugar: O que dizem os idosos? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 441-449. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400007>
- Matsunaga, L.H., Neto, I.L., Jones, T., Günther, H., Machado, C.C., Vargas, J.C., D'Orsi, E. (2024). The social and psychological antecedents of cycling in Brazil. *Journal of Cycling and Micromobility Research*, 2, 100026. <https://doi.org/10.1016/j.jcmr.2024.100026>
- Mey, G., & Günther, H. (2015). Muchow's Marks? An Introduction. In G. Mey, & H. Günther (Org.), *The life space of the urban child: perspectives on Martha Muchow's classic study* (pp.11-19). Transaction Publisher.
- Moniz, A. L. F., Sousa, C., Neto, I. L., Reifschneider, E., Brito, L. M., Prado, J., Günther, H., & Günther, I. A. (2011). *Prêmio ABPMC Sustentabilidade Economia ecológica de água*.
- Moniz, A. L. F., & Günther, H. (2011). Voluntariado ambiental: um estudo exploratório. *Psico (PUCRS. Impresso)*, 42, 116-123. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6785>

- Monteiro, C.A.S., & Günther, H. (2006). Agressividade, raiva e comportamento de motorista. *Psicologia: Pesquisa & Trânsito*, 2(2), 9-17. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppet/v2n1/v2n1a03.pdf>
- Moser, G. (2005). Psicologia ambiental e estudos pessoas-ambiente: Que tipo de colaboração multidisciplinar? *Psicologia USP*, 16(1/2), 131-140. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/QspHFFkmdm8zQjX9ZMWtrwy/?lang=pt&format=pdf>
- Moser, G. (2018). *Introdução à psicologia ambiental pessoa e ambiente*. Campinas: Alínea.
- Murta, S. G., Abreu, S., França, C. L., Pedralho, M., Seidl, J., Lira, N. P. M., Carvalhedeo, R. K. M., Conceição, A. C., & Günther, I. A. (2014). Preparação para a aposentadoria: implantação e avaliação do programa viva mais! *Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso)*, 27, 1-9. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722014000100001>
- Neto, I. L. (2014). *Determinantes psicossociais do uso do transporte público: Um estudo comparativo entre o Distrito Federal (Brasil) e a região de Hampton Roads - VA (EUA)* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Neto, I. L., & Günther, H. (2015). Justificativas de motoristas para infrações de trânsito: uma análise a partir do desengajamento moral. In H., Günther, F. H. C., Silva, I. L., Neto, & Z. O., Feitosa (Org.), *Pesquisas sobre comportamento de trânsito* (pp. 231-250). Casa do Psicólogo - Pearson.
- Neto, I. L., Günther, H., & Porter, B. E. (2019). Adaptação de medidas psicológicas: Um exemplo prático no contexto do transporte. In F. Cristo (Org.), *Psicologia do Trânsito e Transporte: Manual de Especialista do trânsito e transporte* (pp. 397-412). Vetor.
- Neto, I. L., Feitosa, Z., Silva, F. H. V. C., Cantal, C., & Günther, H. (2013). Uso de automóveis e qualidade de vida urbana: Desafios para a psicologia. *Estudos de Psicologia (Natal. Online)*, 18, 609-611. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000400009>
- Neto, I. L., Iglesias, F., & Günther, H. (2012). Uma medida de justificativas de motoristas para infrações de trânsito. *Psico (PUCRS. Impresso)*, 43, 7-13. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11088>
- Neto, I. L., Matsunaga, L. H., Silva, C. M., Günther, H., Hilliesheim, D., Pimentel, C. E., Vargas, J. C. B., & d'Orsi, E. (2020). Psychological determinants of walking in a Brazilian sample: An application of the Theory of Planned Behavior. *Transportation Research - Part F - Traffic Psychology and Behaviour*, 73, 391-398. <https://doi.org/10.1016/j.trf.2020.07.002>

- Nunes, M. (1991). *Interferência de variáveis ambientais na percepção e comportamento do pedestre em sua opção de percurso* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Universidade de Brasília.
- Pimentel, C. E., Delabrida, Z. N. C., & Günther, H. (2015). A psicologia ecológica de Roger G. Barker. In T. A. Máximo, & C. E., Pimentel (Org.), *Psicologia Social e do Trabalho: Questões e desafios contemporâneos* (pp. 59-76). Editora da UFPB.
- Pimentel, C. E., & Günther, H. (2009). Percepção de letras de músicas como Inspiradoras de comportamentos anti-sociais e pró-sociais. *Psico (PUCRS. Impresso)*, 40, 373-381. <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-643500>
- Pimentel, C. E., & Günther, H. (2011). Comportamento agressivo em shows musicais: analisando notícias de jornal impresso. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 14-27. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000200003#:~:text=Os%20resultados%20da%20an%C3%A1lise%20de,%3B%20Comportamento%20agressivo%3B%20Shows%20musicais](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000200003#:~:text=Os%20resultados%20da%20an%C3%A1lise%20de,%3B%20Comportamento%20agressivo%3B%20Shows%20musicais).
- Pimentel, C. E., Günther, H., & Black, P. U. V. (2012). Acessando o medo do crime: Um survey por meio da internet. *Psicologia Argumento (PUCPR. Impresso)*, 30, 411-421. <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-654139>
- Pimentel, C. E., Günther, H., & Silva, B. M. F. (2017). Efeitos de letras de músicas em comportamentos pró-sociais. *Psicologia em Revista*, 23, 66-80. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682017000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000100005)
- Pinheiro, J. Q., & Günther, H. (2008). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa - ambiente*. Casa do Psicólogo, 2008.
- Puente-Palácios, K. E. (1993). *Clima social no local de trabalho e fatores pessoais ambientais: Um estudo de micro avaliação pós-ocupacional do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Universidade de Brasília.
- Rangel, I. L. O. (2024). *Qualidade de vida em tempos da pandemia COVID-19: Casa, trabalho e equidade de gênero* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Raposo, D. M. S. P., & Günther, I. A. (2008). O ingresso na Universidade após os 45 anos: um evento não-normativo. *Psicologia em Estudo*, 13, 123-131. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100015>

- Reifschneider, E. D. B. (2016). *Ambientes restauradores: Uma retomada do urbano* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo]. Universidade de Brasília.
- Santos, L. M. M. (2008). *Nada do que foi é ou será: A inter-relação de jovens com seu ambiente* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Santos, N. M. S. (2016). *Permanência do idoso no trabalho: fatores psicossociais e estruturais* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.
- Seixas, J. C. (1993). *Avaliação da qualidade do ambiente de trabalho de um banco público* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Universidade de Brasília.
- Silva, A. V., & Günther, H. (1999). Comportamento de ajuda no contexto urbano: um estudo experimental por meio do telefone. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, 15(3), 189-197. <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000300002>
- Silva, A. V., & Günther, H. (2000). *Psicologia ecológica*. Casa do Psicólogo.
- Silva, A. V., & Günther, H. (2001). Comportamento de ajuda entre passageiros de ônibus. *Estudos de Psicologia (Campinas), Natal*, 6(1), 75-82. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2001000100008>
- Silva, A. V., & Günther, H. (2004). O que pode estressar o motorista de ônibus. *Revista dos Transportes Públicos*, 26, 97-107.
- Silva, A. V., & Günther, H. (2005). Características de itinerário urbano e comportamentos inadequados de um motorista de ônibus. *Psicologia. Pesquisa & Trânsito*, 1(1), 33-44. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppet/v1n1/v1n1a06.pdf>
- Silva, A. V., Günther, H., Lara, A. A., Cunha, L. F., & Almeida, V. J. S. (1998). Técnica da carta-perdida como instrumento de pesquisa social: um estudo sobre preconceito e ajuda. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, 11, 117-134. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000100007>
- Silva, F. H. V. C., & Günther, H. (2010). Psicologia do trânsito no Brasil: de onde veio e para onde caminha? *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 17, 163-175. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2009000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100014)
- Silva, F. H. V. C., & Günther, H. (2015). Hábito: Por que devemos estudá-lo e o que podemos fazer? *Psico (PUCRS. Impresso)*, 46, 233-242. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/17816#:~:text=O%20h%C3%A1bito%20%C3%A9%20um%20comporta>

- mento,contras%20das%20mais%20diversas%20situa%C3%A7%C3%B5e  
S.
- Silva, F. H. V. C., & Günther, H. (2016). Como medir o hábito? Evidências de validade de índice de autorrelato. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, 1-9. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e322224>
- Silva, I. R., & Günther, I. A. (2000). Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB. Impresso)*, 16(1), 31-40. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000100005>
- Sinclair, M., O'Toole, J., Malawaraarachchi, M., & Leder, K. (2012). Comparison of response rates and cost-effectiveness for a community-based survey: postal, internet and telephone modes with generic or personalized recruitment approaches. *BMC Medical Research Methodology*, 12(132), 1-8. <https://research.monash.edu/en/publications/comparison-of-response-rates-and-cost-effectiveness-for-a-communi>
- Solorzano, I. M. (1991). *Padrões de resposta e taxas de participação em levantamento de campo: Aplicação ao problema do ruído urbano* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Universidade de Brasília.
- Sommer, R., Barker, P. A., Günther, H., & Kurani, K. (1989). Householder evaluation of two street species. *Journal of Arboriculture*, 15, 99-102. <https://typeset.io/pdf/householder-evaluation-of-two-street-tree-species-1fliaw2m56.pdf>
- Sommer, R., Cecchetti, C. L., & Günther, H. (1992a). Agreement among arborists, gardeners, and landscape architects in rating street trees. *Journal of Arboriculture*, 18, 252-256. [https://joa.isa-arbor.com/article\\_detail.asp?JournalID=1&VolumeID=18&IssueID=5&ArticleID=2519](https://joa.isa-arbor.com/article_detail.asp?JournalID=1&VolumeID=18&IssueID=5&ArticleID=2519)
- Sommer, R., Günther, H., & Baker, P. A. (1990). Surveying householder response to street trees. *Landscape Journal*, 9, 79-85. <https://www.jstor.org/stable/43324043>
- Sommer, R., Günther, H., Baker, P.A., & Swenson, J.P. (1993). Comparison of four methods of street tree assessment. *Journal of Arboriculture*, 19, 27-34. <https://joa.isa-arbor.com/request.asp?JournalID=1&ArticleID=2537&Type=2>
- Sommer, R., Günther, H., & Cecchetti, C. (1992b). A user-based method for rating street trees. *Landscape Research*, 17(3), 100-107. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01426399208706372>
- Sousa, C. M. (2011). *Como, logo corro: Sobre deixar o lixo em espaços semi-públicos urbanos* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em

Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília.

Stokols, D. (2018). *Social Ecology in the Digital Age. Solving Complex Problems in the Digital Age*. Academic Press.

Vêncio, J. C. (1993a). *Uso da bicicleta como meio de lazer em Brasília. Você pesquisa? Então... mostre!* Anais, p.133, Brasília, Brasil.

Vêncio, J.C. (1993b). *Uso da bicicleta no campus da UnB. Você pesquisa? Então... mostre!* Anais, p.133, Brasília, Brasil.

World Health Organization (2020). *Novel Coronavirus (2019-nCoV): Situation report 1*. <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf>

### **Nota sobre os/as autores/as**

*Ingrid Luiza Neto* é professora da Universidade Católica de Brasília. Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília e pós-doutorado em Mobilidade Urbana Saudável pela Universidade de Brasília e Oxford Books University. E-mail: [ingridluizaneto@gmail.com](mailto:ingridluizaneto@gmail.com)

*Dayse da Silva Albuquerque* é professora da Universidade Federal de Amazonas. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília. E-mail: [albuquerque.miss@gmail.com](mailto:albuquerque.miss@gmail.com)

*Zenith Nara Costa Delabrida* é professora da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília. E-mail: [zdelabrida@gmail.com](mailto:zdelabrida@gmail.com)

**Data de submissão:** 08.04.2024

**Data de aceite:** 22.03.2025